



## Elementos do drama em *O marinheiro*

### Elements of drama in *O marinheiro*

Graduanda em Letras e Pesquisadora em Iniciação Científica Debora Oliveira  
Andrade, GEPHILIS/UniABC

Prof. Ms. Flavio Felicio Botton (Orient.) GEPHILIS/UniABC.

**Resumo:** A obra de Fernando Pessoa, *O marinheiro*, é definida por vários críticos como um poema dramático, sendo considerada um drama sem ação. Este artigo objetiva constatar a ação e outros elementos característicos do drama presentes na obra, compreendendo a personagem do marinheiro como o sujeito do texto.

**Palavras-Chave:** *O marinheiro*; drama; literatura portuguesa; Fernando Pessoa.

**Abstract:** The work of Fernando Pessoa, *O marinheiro*, is defined by several critics as a dramatic poem, being considered a drama without action. This article aims to evidence the action and other characteristic elements of the drama in the work, comprehending the character of the sailor as the subject of the text.

**Keywords:** *O marinheiro*; drama; portuguese literature; Fernando Pessoa.

O que é a Vida? Pensamentos e sentimentos surgem, com ou sem o nosso consentimento, e empregamos palavras para expressá-los. Nós nascemos, e nosso nascimento é esquecido, e nossa infância lembrada, senão em fragmentos: nós vivemos e, vivendo nós perdemos a compreensão da vida. Quão inútil é pensar nas palavras que podem penetrar o mistério de nossa existência! Corretamente usadas elas podem tornar evidente nossa ignorância sobre nós mesmos, e isso já é muito!

P. Shelley

“Drama estático em um quadro”. Assim foi definida por seu próprio autor, Fernando Pessoa, a obra *O marinheiro*, publicada no primeiro número da revista *Orpheu* em 1915. “Se por ‘drama’ entendermos o texto que se propõe à representação, ‘teatro’ assinalaria o local de espetáculo, de modo que ‘drama’ nomearia o texto antes da representação textual do espetáculo” (MOISÉS, 1998a, p. 123).

Em *O marinheiro*, as personagens não se movem, apenas dialogam. Apesar de apresentar evidentes características dramáticas, seu enredo tem enfatizada a poesia; é constituído por diálogos poéticos. Por esses motivos, o

texto tem sido considerado por diversos críticos – como Massaud Moisés, por exemplo - um poema dramático, desprovido do principal elemento do drama: a ação.

Sobre a fusão entre teatro e poesia, considera-se que

o teatro move-se na direção da poesia como um de seus mais potentes focos de atração. Não estranha, por isso, que o dramaturgo seja chamado, às vezes, *poeta dramático*, e que um estudioso do teatro lastime haver-se abandonado tal expressão (MOISÉS, 1998a, p. 141).

Um poema dramático possui ênfase em sua condição e função poética, por outro lado, o que se denomina drama poético possui ênfase em sua condição de texto destinado à representação. Por ocorrer em um só ato e não possuir de modo explícito todos os elementos pertinentes a uma peça teatral – tal como a ação –, o texto de **O marinheiro** parece ser destinado apenas à leitura, e não à encenação. Porém, há diversos fatores que contribuem para a consideração de que tal obra constitui um drama diferente do habitual, mas ainda sim essencialmente drama, talvez um drama poético.

Inicia a obra uma didascália. É o momento no qual há a apresentação do cenário onde se passa o drama: um quarto num castelo antigo, à noite. Em um caixão no centro do quarto circular uma donzela morta é velada por outras três donzelas. A presença da morte é indelével nesse cenário e parece deixar as veladoras desconfortáveis a ponto de logo manifestarem o desejo de uma fuga da realidade.

Esse é o primeiro sinal de que o texto é destinado à encenação, já que as didascálias são rubricas do autor, considerando que

as indicações ou marcações, de cenário ou de fala, pertencem ao teatro como espetáculo, não ao teatro como texto literário. O cenário, ou melhor, o fragmento de prosa que descreve o ambiente no qual se desenrola a ação, não faz parte do texto como expressão de conflito ou drama. Código não-literário, sinalização ‘fria’, corresponderia, rigorosamente, a uma digressão ou explicação à margem, visando a situar a ação em algum espaço físico. Por seu turno, as marcações referentes às falas e às situações não desempenham a função de

linguagem, mas de *sinai*, que se esgota no ato da representação e que somente se endereça ao espetáculo (MOISÉS, 1998a, p. 125).

Sem exata noção das horas ao arrastar da negra noite, não havendo qualquer relógio no local onde estão as personagens, seus corpos permanecem isolados nesse ambiente funesto, mas suas mentes dirigem-se a um ambiente onírico ao curso dos diálogos, iniciados pela primeira veladora.

Quase sem querer, elas falam sobre o passado. Relatam as lembranças de cada uma, narrando fatos que talvez nunca tenham existido. Parecem temer o silêncio, talvez porque ele fortalecesse as presenças indesejáveis - a da morte, ou qualquer outra desconhecida, como se verifica na seguinte fala da primeira veladora:

Ah, falemos, minhas irmãs, falemos alto, falemos todas juntas... O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser cousa... Sinto-o envolver-me como uma névoa... Ah, falai, falai!... (PESSOA, 2008, p. 69).

Na continuação dos diálogos as frases são ditas como revelações, possivelmente até mesmo para a personagem que as proferiu.

A existência das personagens está de tal modo presa ao diálogo que pode suceder de fantasmas ou espectros intervirem numa peça como autênticos figurantes. Entretanto, apenas nos damos conta de sua presença através do diálogo (MOISÉS, 1998a, p. 129).

Por vezes, as falas em **O marinheiro** possuem um tom misterioso, como se as veladoras fossem momentaneamente influenciadas por entes que lhes emprestavam a voz para falar, como se pode constatar na seguinte fala da segunda veladora, referindo-se às frases que acabara de dizer sobre seu passado:

É talvez por não serem verdadeiras... Mal sei que as digo... Repito-as seguindo uma voz que não ouço, mas que está segredando... Mas eu devo ter vivido realmente à beira-mar... (PESSOA, 2008, p. 70).

A fuga da realidade intensifica-se quando as veladoras invadem definitivamente o mundo dos sonhos.

Segundo Freud “o sonho é um autêntico espetáculo para se ver – é um drama interior, em que o sonhador é a um só tempo o dramaturgo, o espectador, o diretor de cena e todas as personagens”. (apud MOISÉS, 1998b, p. 205).

É a segunda veladora que, por meio dos diálogos, expõe o sonho que um dia teve. Nesse sonho, vive um marinheiro que, estando perdido em uma longínqua ilha, sonha com uma nova pátria.

O objeto desse marinheiro, o que ele busca, é sua vida na nova pátria por ele imaginada. O que o move é a perda da antiga, na qual vivia. Ele sonha para suprir a necessidade de seu objeto. Mesmo quando tenta recordar-se de sua terra natal, o marinheiro não consegue, não é capaz sequer de lembrar o que nela viveu, pois já adotou a nova pátria, por ele sonhada, como sua terra natal. Nela, já imaginou toda a sua vida, desde a infância.

É na fala das veladoras que são expostas ideias, pensamentos, sensações, sentimentos e, até mesmo, outro nível de realidade – a vida do marinheiro.

No decorrer dos diálogos sobre o sonho com o marinheiro, as três donzelas deslumbram-se com ele. Mas, encerradas as falas a respeito do marinheiro, a segunda veladora (que descreveu todo o sonho) suscita a hipótese de que talvez a única coisa real em toda essa situação fosse o marinheiro, sendo elas, na verdade, apenas parte de um sonho dele. Essa hipótese passa a atormentá-las. Foram as próprias personagens desse drama que, interagindo por meio das palavras, permitiram a presença do marinheiro em suas vidas, foi a segunda veladora quem “o despertou”.

Os diálogos travados entre as personagens não as levam a ação. Embora no início do drama a primeira veladora sinta vontade de ao menos mover-se passeando de um lado para outro no próprio quarto – já com o desejo de ir “buscar sonhos” (PESSOA, 1998, p. 67), para fugir da realidade diante de si –, em momento nenhum qualquer uma delas age, move-se ou abandona sua condição estática. Daí a definição de Pessoa sobre **O marinheiro**:

Chamo teatro estático àquele cujo enredo dramático não constitui ação – isto é, onde as figuras não só não agem

porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer têm sentidos capazes de produzir uma ação; onde não há conflito nem perfeito enredo (PESSOA, 1998, p. 124).

Porém, pode-se afirmar que **O marinheiro** possui especial enredo com o apoio do que afirma Pessoa na continuação do texto acima citado:

Dir-se-á que isto não é teatro. Creio que o é porque (...) o enredo do teatro é, não a ação nem a progressão e consequência da ação – mas, mais abrangentemente, a revelação das almas através das palavras trocadas e a criação de situações (PESSOA, 1998, p. 124).

É a partir do próprio diálogo entre as veladoras que, posteriormente, surgem as angústias que as atormentam; conflitos que nascem e instalam-se na mente e nos pensamentos das três donzelas. “Assim, no drama, cada palavra proferida contém um significado, relaciona-se a uma intenção, contribui para um conflito que já está acontecendo ou está prestes a acontecer” (MOISÉS, 1998, p. 125).

O conflito ocorre por meio das intenções e vontades que se entrecrocaram, que, segundo Civita, provocam “a luta de homens contra homens, de homens contra deuses, de homens contra ideias” podendo também ocorrer na consciência da personagem (apud MENDES, 2000, p. 26).

Em seguida, Mendes afirma que o conflito no teatro pode ser *psicológico*

se a ação se passa no íntimo das personagens; (...) o conflito é a essência do teatro, da tragédia: com efeito, é o conflito que faz desencadear toda a ação, e o emaranhado da ação é o elemento mais importante de toda a narrativa, incluindo a narrativa dramática (MENDES, 2000, p. 26).

O conflito central desse drama ocorre na mente das personagens, como conflitos interiores, trazendo a percepção da vida e da morte enquanto um mistério. As três veladoras passam a temer que a realidade do marinheiro prevaleça sobre a realidade de si mesmas. Tamanho é o terror sobre essa

hipótese, que a primeira veladora prefere sentir temor sobre a realidade já conhecida de sua vida:

Sinto uma necessidade feroz de ter medo de que alguém possa agora bater àquela porta. Por que não bate alguém à porta? Seria impossível e eu tenho necessidade de ter medo disso, de saber de que é que tenho medo... Que estranha que me sinto!... Parece-me já não ter a minha voz... Parte de mim adormeceu e ficou a ver... O meu pavor cresceu, mas eu já não sei senti-lo... Já não sei em que parte da alma é que se sente... Puseram ao meu sentimento do meu corpo uma mortalha de chumbo... (PESSOA, 1998, p. 81).

Assim sendo, nos diálogos nascem os conflitos, e deles, a ação.

Segundo Aristóteles

são duas as causas das acções: o pensamento e o carácter (...) os caracteres são o que nos permite dizer que as pessoas que agem têm certas qualidades e o pensamento é quando elas, por meio da palavra, demonstram alguma coisa ou exprimem uma opinião (2004, p. 48).

A personagem do marinheiro, sendo considerada o sujeito do drama, caracteriza também o resultado da ação presente no texto. As falas das veladoras o invocam, a partir de sua possível existência surgem conflitos em suas mentes; a ação resultante de toda essa situação transfigura-se na manifestação de uma diferente percepção (ou não percepção) da realidade.

Segundo Touchard, de acordo com a etimologia do próprio termo “drama”, poderíamos entender ação como ‘o movimento geral que faz que entre o início e o fim da peça qualquer coisa nasça, se desenvolva e morra’ (apud MOISÉS, 1998a, p. 134).

Em **O marinheiro**, pode-se considerar que o movimento geral ocorrente é iniciado pelo incômodo que as veladoras sentem estando em um ambiente desconfortável – já que há uma morta, e a partir dela a presença da morte e de uma realidade rejeitada – do qual elas tentam dispersar-se travando diálogos.

Esse movimento geral simplesmente é a consequência de tais diálogos: um novo nível de realidade que domina o ambiente, conferindo à personagem do marinheiro o caráter de sujeito do drama.

Quando começam a voltar à realidade, percebendo o resultado de suas ações, o conflito torna-se ainda mais intenso na mente e na alma das veladoras, como verifica-se nas seguintes falas:

PRIMEIRA – (...) Para que foi que nos contastes a vossa história?

SEGUNDA – Já não me lembro... Já mal me lembro que a contei... Parece ter sido já há tanto tempo!... (...) O que é que nós queremos fazer? – já não sei se é falar ou não falar...

PRIMEIRA – Não falemos mais. Por mim, cansa-me o esforço que fazeis para falar... Dói-me o intervalo que há entre o que pensais e o que dizeis... (...) Preciso dizer frases confusas, um pouco longas, que custem a dizer... Não sentis tudo isto como uma aranha enorme que nos tece de alma a alma uma teia negra que nos prende? (PESSOA, 1998, p. 80-81).

Apontando a dramaticidade de **O marinheiro** e seu caráter trágico, há a seguinte consideração de Pessoa:

Começando de uma forma muito simples, o drama evolui gradualmente para um cume terrível de terror e de dúvida, até que estes absorvem em si três almas que falam e a atmosfera da sala e a verdadeira potência do dia que está para nascer. O fim desta peça contém o mais sutil terror intelectual jamais visto. Uma cortina de chumbo tomba quando elas não têm mais nada a dizer uma às outras nem mais nenhuma razão para falar (apud SEABRA, 1961, p. 31).

Após o clímax do drama, no qual as veladoras chegam à absoluta dúvida sobre a realidade, ocorre a desilusão das personagens sobre suas próprias vidas, pois embora tenham acreditado que poderiam viver fora de sua realidade por meio dos sonhos, acabam tendo que abandoná-los, voltando às suas vidas e esperando pelo novo dia.

Sobre esse desfecho, pode-se constatar um efeito catártico, já que as dúvidas sobre a vida e a morte são recorrentes à humanidade, permitindo

assim que o leitor reconheça-se na obra e lamente a triste existência das personagens, inclusive a do marinheiro destituído de sua desejada pátria.

Constituindo outra didascália, segue a descrição do novo dia que surge naquele cenário, encerrando esse drama despreziosamente criado pelas personagens, ao que denomina a segunda veladora de “aventura interior” (PESSOA, 2008, p. 77).

Aparentemente um poema dramático, posto que, com evidentes características dramáticas, o texto de **O marinheiro** poderia ser considerado destinado apenas à leitura. Em diálogos poéticos, as veladoras criam uma atmosfera misteriosa, onírica, narrando lembranças e um curioso sonho. Quase sem perceber, permitem a presença de uma quinta personagem – o marinheiro. Ao despertá-lo, passam por conflitos que se instalam em suas mentes. A partir dos diálogos provém a ação desse drama, uma ação psicológica, que ocorre no interior das personagens,

travando-se no plano do diálogo e reduzindo as referências exteriores (a ação decorrente do deslocamento físico das personagens, com todo o seu cortejo de alterações no cenário, *mise-en-scène*, etc.) à sua expressão mais simples. (MOISÉS, 1998a, p. 135)

Assim foi constituído um drama singular, que o texto oculta, mas também revela, e, principalmente, emoldura a beleza da palavra na arte dramática, sob a magia da poesia de Fernando Pessoa.

### **Bibliografia**

- ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Tradução de Ana Maria Valente.
- MENDES, João Daniel Marques. **Introdução à Leitura do Frei Luís de Sousa** – Seguida do Texto. Coimbra: Almedina, 2000, p. 25-29.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**: Prosa II. São Paulo: Cultrix, 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Fernando Pessoa**: O Espelho e a Esfinge. São Paulo: Cultrix, 1998b.
- PESSOA, Fernando. **O Banqueiro Anarquista e Outras Prosas**; seleção e ensaio introdutório de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 2008.



SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o Poetodrama**. São Paulo: Perspectiva, 1991.